

Espaços e Paisagens

*Antiguidade Clássica e Heranças
Contemporâneas*

Vol. I Línguas e Literaturas. Grécia e Roma

Francisco de Oliveira, Cláudia Teixeira,
Paula Barata Dias (coords.)

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

O ESPAÇO BRITÂNICO E A PAISAGEM NÓ *AGRICOLA* DE TÁCITO¹

ANA ISABEL FONSECA
Universidade de Coimbra
anafonseca@ci.uc.pt

Abstract

The unknown has always attracted and fascinated human beings and has led them to go beyond their own limits. The point is that all those who interact with their surrounding world are progressively trying to increase their experiences and so their real sophia.

Some have even made a point of sharing their testimony, of leaving their work to posterity. In *Agricola*, Tacitus gives us the profile of a man whose moral integrity should be remembered by future generations, not only because of his military performance, but also due to his humanity. In this biography, space element is always associated with this man's life and is in panegyric service, a demand of the biographical speech.

In this short study, we will try to understand the importance of the physical space of Britain in one of Tacitus' minor works. Besides, as we speak about space, we will also approach questions directly connected not only with physical geography, but also with human geography known in the first century d.C.. We will also find out, among many others aspects, the exactitude of geographical localization and phenomena observed in loco concerning with the durability of day and night, which have an extremely important influence on the lives of those who inhabit in those areas.

Keywords: *Agricola*, Britain, Tacitus.

Palavras-chave: *Agricola*, Grã-Bretanha, Tácito.

A viagem da descoberta consiste não em achar novas paisagens, mas em ver com novos olhos.

Marcel Proust

Desde os tempos mais remotos que o ser humano demonstrou o seu fascínio pelo desconhecido. De facto, o mundo que se conhece consegue ser relativamente representado de modo fiel, enquanto que aquele que ainda se

¹ A presente comunicação resulta de uma investigação realizada no âmbito da dissertação do mestrado em Estudos Clássicos sobre o *Agricola* de Tácito orientada pelo professor Doutor Francisco de Oliveira. A este grande mestre cabe então endereçar os meus agradecimentos por todo o incentivo e apoio demonstrado desde o início.

desconhece parcial ou totalmente é muitas vezes pintado com *Adamastores* imaginários.

Na *Iliada*, Homero apresenta-nos a concepção da Terra como um disco achatado e rodeado por um grande rio, com a terra na parte central:

*Tal como mais forte é Zeus do que os rios que murmuram até ao mar,
Todas as fontes e todas as nascentes profundas. (Il., 21, 194)*

É esta mesma a ideia que está na base dos primeiros mapas-múndi. Anaximandro, no século VI a.C., terá escrito *Geographikon pinaka*, e Hecateu de Mileto (séc. VI-V) terá produzido um périplo da terra. Foi no século V a.C. que Heródoto fez questão de partilhar connosco, através dos seus nove livros, um conjunto de acontecimentos importantes. Nos seus relatos de viagens, o autor de Halicarnasso não se esqueceu de ir descrevendo não só os diferentes espaços físicos, mas também os povos, misturando geografia e etnografia.

O contacto directo dos romanos com gregos interessados em geografia poderá ter começado no Círculo dos Cipiões, com Políbio, com Posidónio e, no tempo de Augusto, com Estrabão. O interesse dos Romanos era de carácter prático, administrativo, estratégico e militar, sendo famosos os comentários dos grandes conquistadores, como Júlio César para a Gália, e os mapas mandados desenhar em Roma e expostos para curiosidade geral no pórtico de Agripa.

Antes de Tácito, sobressaem ainda os nomes de Pompónio Mela e de Plínio o Naturalista na sua vertente geográfica.

É certo que Tácito ficou sobretudo conhecido pelos seus *Annales* e pelas suas *Historiae*. O seu interesse geográfico e etnográfico veio a revelar-se de modo especial na *Germania* e no *Agricola*. Esta obra, embora um texto biográfico, vai também debruçar-se sobre várias outras questões: ao compor a vida do seu sogro, e tendo consciência da importância das suas expedições nas regiões britânicas, Tácito vai também acabar, consciente ou inconscientemente, por nos descrever a própria *Britannia*.

Começando pela geografia física, é no décimo capítulo que Tácito refere as coordenadas geográficas da ilha:

Britannia, insularum quas Romana notitia complectitur maxima, spatio ac caelo in orientem Germaniae, in occidentem Hispaniae obtenditur, Gallis in meridiem etiam inspicitur; septentrionalia eius, nullis contra terris, uasto atque aperto mari pulsantur.

A Britânia, a maior das ilhas conhecidas dos Romanos pela sua extensão e posição, estende-se, com a Germânia a oriente e a Hispânia a ocidente. Do lado sul, é mesmo visível para os Gauleses. A sua parte norte, sem nenhuma terra à sua frente, é banhada por um vasto e largo mar.

Logo de seguida, Tácito refere-se aos contornos desta ilha segundo Tito Lívio e Fábio Rústico: “oblongae scutulae uel bipenni adsimulauere” (que

compararam a configuração da Britânia, no seu conjunto, a uma escudela oblonga ou um machado de dois gumes).

Ora, se é certo que se deve a Dicearco de Messina, no século IV-III a.C., a origem dos paralelos e meridianos que nos fornecem as coordenadas ainda hoje utilizadas pelos modernos sistemas de GPS, esta não é a sua única inovação. No seu mapa-múndi demonstra-nos já a representação gráfica da ilha da *Britannia*. Também o mapa-múndi de Eratóstenes de Mileto, c. 200 a.C., nos oferece a localização exacta da ilha da Britânia, ainda que a sua configuração não se encontre muito próxima da realidade. Deste modo, parece que podemos concluir que, embora os romanos soubessem da existência desta ilha e tivessem uma noção bastante precisa da sua localização geográfica, talvez por se encontrar relativamente longe, ainda não tinham tido oportunidade de a observar *in loco*, o que viria a possibilitar uma representação pictórica mais fidedigna.

E Tácito acrescenta ainda: “*inmensum et enorme spatium procurrentium extremo iam litore terrarum uelut in cuneum tenuatur*” (a imensa e enorme vastidão de terras que se estendem pelo último litoral adelgaça-se como uma cunha). Ora, sabemos que durante a viagem de circumnavegação, a frota romana terá também descoberto as ilhas *Orcades* e avistado *Thule*. Como esta ilha era o ponto mais longínquo conhecido até então, simbolizava praticamente o inacessível. Atingir esta ilha era ir mais além, era o mesmo que ultrapassar todas as dificuldades e limitações de qualquer ser humano.

Tácito relaciona, ainda neste mesmo capítulo, o relevo com o clima que afecta aquela região: “*credo quod rariores terrae montesque, causa ac materia tempestatum, et profunda moles continui maris tardius impellit*” (creio que, pelo facto de as terras e montanhas, causa e alimento das tempestades, serem mais raras, a massa imensa de um mar contínuo é impelida mais devagar). Também o estado do mar lhe causa alguma estranheza: “*Sed mare pigrum et graue remigantibus perhibent ne uentis quidem perinde attolli*” (mas contam que o mar, imóvel e pesado para os remadores, nem sequer é levantado da mesma maneira pelos ventos).

(...) unum addiderim, nusquam latius dominari mare, multum fluminum huc atque illuc ferre, nec litore tenuis ad crescere aut resorberi, sed influere penitus atque ambire, et iugis etiam ac montibus inseri uelut in suo.

(...) em nenhum outro lugar o mar é mais extenso no seu domínio; ele lança para aqui e para ali muitas correntes de água, e não avança ou recua somente no litoral, mas a água também invade profundamente e rodeia, e penetra mesmo nas cordilheiras e montanhas como se fosse tudo seu.

Note-se que o mar que o autor nos está a descrever é um dos mais agitados (senão mesmo o mais perigoso), sobretudo devido à coexistência de diversas correntes marítimas.

O tema do clima é retomado no capítulo décimo segundo: “*Caelum crebris imbris ac nebulis foedum; asperitas frigorum abest*” (O céu é desfeado por

chuvas e nuvens frequentes. Não se sente o rigor do frio), para de seguida mencionar alguns dos aspectos directamente relacionados com estas latitudes:

Dierum spatia ultra nostri orbis mensuram; nox clara et extrema Britanniae parte brevis, ut finem atque initium lucis exiguo discrimine internoscas. Quod si nubes non officiant, aspici per noctem solis fulgorem, nec occidere et exurgere, sed transire adfirmant. Scilicet extrema et plana terrarum humili umbra non erigunt tenebras, infraque caelum et sidera nox cadit.

Os dias são mais longos do que aqueles que medimos no nosso orbe; a noite é clara e, na extremidade da Britânia, é tão breve que apenas se distingue o fim e o início da luz do dia por um breve momento. Porque, diz-se, se as nuvens não o impedirem, o brilho do sol é visível durante a noite, e ele não se põe nem nasce, mas faz o seu giro. É que a extremidade plana das terras, com uma sombra baixa, não projecta a escuridão, e reina a escuridão abaixo do céu e das estrelas.

A referência ao fenómeno que apenas ocorre em determinadas latitudes (superiores a 66° 33' 39" N ou S), vulgarmente designado “sol da meia-noite”, demonstra-nos que os romanos davam grande importância aos conhecimentos baseados na observação directa e até empírica que as suas várias viagens de alargamento do império lhes possibilitavam. Os contributos de Eratóstenes, quando calculou a obliquidade da eclíptica em 23° 51' tinham-se, portanto, revelado fundamentais para a explicação científica desta realidade. Para além do círculo polar ártico ou do círculo polar antártico, o sol não se põe durante pelo menos 95 horas seguidas. Em latitudes superiores a 80° graus, chega mesmo a não haver noites durante mais de dois meses, devido à inclinação do eixo da Terra em relação ao plano da órbita.

A latitude e o próprio clima são dois dos factores determinantes que influenciam a flora aí existente:

Solum praeter oleam uitemque et cetera calidioribus terris oriri sueta patiens frugum pecudumque fecundum: tarde mitescunt, cito proueniunt; eademque utriusque rei causa, multus umor terrarum caelique.

Excepto para a oliveira, a videira e para as outras árvores habituadas a crescer em terras mais quentes, o solo é fértil e abundante; amadurecem tarde, mas crescem rápido; dois factos que têm a mesma causa: a muita humidade da terra e do ar.

Porém, a flora não é a única riqueza daquela ilha. O autor latino refere ainda a existência de alguns metais preciosos, embora não resista a deixar o seu comentário pessoal:

Fert Britannia aurum et argentum et alia metalla, pretium uictoriae. Gignit et Oceanus margarita, sed subfusca ac liuentia. Quidam artem abesse legentibus arbitrantur; nam in

rubro mari uiua ac spirantia saxis auelli, in Britannia, prout expulsa sint, colligi: ego facilius crediderim naturam margaritis deesse quam nobis auaritiam.

A Britânia tem ouro, prata e outros metais, o prémio da vitória. O Oceano também produz pérolas, mas um pouco baças e de uma cor plúmbea. Alguns pensam que falta habilidade àqueles que as recolhem, pois no Mar Vermelho arrancam-nas das rochas ainda vivas e a mexer, e na Britânia são recolhidas conforme são lançadas à praia. Mais facilmente eu acreditaria que a beleza natural falta às pérolas do que a nós a avidez.

Ora, a opinião pessoal do autor e a utilização da primeira pessoa do plural parecem apontar para o próprio povo romano, sobejamente conhecido pela sua ganância. No entanto, podemos ainda alargar mais esta crítica à natureza de todo o ser humano, em geral.

De facto, no que diz respeito à geografia humana, o autor questiona-se acerca da colonização da Britânia, partindo de algumas características físicas dos seus povos:

Ceterum Britanniam qui mortales initio coluerint, indigenae an aduecti, ut inter barbaros, parum compertum. Habitus corporum uarii atque ex eo argumenta; namque rutilae Caledoniam habitantium comae, magni artus Germanicam originem adseuerant; Silurum colorati uultus, torti plerumque crines et posita contra Hispania Hiberos ueteres traiecisse easque sedes occupasse fidem faciunt; proximi Gallis et similes sunt, seu durante originis ui, seu procurrentibus in diuersa terris positio caeli corporibus habitum dedit.

Porém, quais terão sido os primeiros mortais a colonizar a Britânia, indígenas ou imigrantes, é pouco conhecido, como é natural entre bárbaros. O aspecto físico é variado, daí as teorias: que o cabelo ruivo dos habitantes da Caledónia e a dimensão dos membros comprovam a sua origem germânica; que os rostos morenos dos Silures, os seus cabelos geralmente encaracolados e a sua situação em frente da Hispânia fazem crer que os antigos Iberos tinham feito a travessia e ocupado tais lugares; que os mais próximos dos Gauleses também se lhes assemelham, seja em virtude de uma origem comum, seja pelo facto de, às regiões que se projectam em direcções opostas, a posição geográfica dar o mesmo aspecto físico.

Também a religião seguida pelos Bretões e até a sua personalidade e temperamento podem estar ao serviço da determinação dos povos colonizadores desta ilha:

In uniuersum tamen aestimanti Gallos uicinam insulam occupasse credibile est. Eorum sacra deprehendas ac superstitionum persuasiones; sermo haud multum diuersus, in deposedendis periculis eadem audacia et, ubi aduenere, in detrectandis eadem formido. Plus tamen ferociae Britannii praeferunt, ut quos nondum longa pax emollierit. Nam Gallos quoque in bellis floruisse accepimus; mox segnitia cum otio intrauit, amissa uirtute pariter ac libertate. Quod

Britannorum olim uictis euenit: ceteri manent quales Galli fuerunt.

Todavia, para quem raciocinar na generalidade, é de crer que os Gauleses tivessem ocupado a ilha vizinha. Podem reconhecer-se os seus cultos, até na crença em superstições; a língua não é muito diferente, é idêntica a audácia a desafiar os perigos e, quando eles chegam, é idêntico o temor ao evitá-los. Todavia, os Bretões mostram mais valentia, já que uma longa paz ainda não os amoleceu. É tradição que também os Gauleses brilhavam nas guerras; em seguida, a indolência veio com a ociosidade, perdendo-se a bravura juntamente com a liberdade. E o mesmo aconteceu àqueles dos Bretões que outrora foram vencidos; os restantes permanecem semelhantes ao que foram os Gauleses.

Este mesmo assunto é retomado no capítulo décimo terceiro:

Ipsi Britanni dilectum ac tributa et iniuncta imperii munia impigre obeunt, si iniuriae absint: has aegre tolerant, iam domiti ut pareant, nondum ut seruiant.

Os próprios Bretões suportam sem resistência o recrutamento de tropas, os tributos e as contribuições próprias de um império desde que sejam desprovidas de injustiça; a estas, dificilmente as toleram, domados já para obedecer, mas ainda não para ser escravos.

Entre as várias personalidades britânicas, duas merecem especial destaque, ainda que por razões diferentes. A que surge em primeiro lugar é Boudica, a figura feminina que liderou uma revolta dos Bretões, que conseguiram retomar e saquear as cidades de *Camulodunum* e *Verulamium*. Quando finalmente os Bretões conseguiram repor a ordem, Boudica e as suas filhas preferiram envenenar-se a si mesmas a serem capturadas pelas tropas romanas.

Em segundo lugar, aparece Cálgaco, que profere um entusiástico discurso de incitamento à revolta contra os romanos. Em três capítulos (30 a 32) Tácito põe na boca do Bretão a defesa dos ideais do seu povo, os quais são, em última análise, os defendidos pelo próprio povo romano. Assim, a identificação destes valores com os dos estrangeiros e a sua arte oratória traçam-nos um perfil do Outro não baseado apenas no preconceito, mas no reconhecimento das suas competências.

Deste modo, ao referir as várias figuras daquela região, também estamos a descrever o próprio espaço, pois as pessoas são simultaneamente a causa e a consequência do espaço em que vivem.

O *Agricola*, sendo considerada uma das obras menores de Tácito, é muitas vezes erroneamente tido como um mero registo biográfico sem grande importância literária ou até cultural. Porém, os exemplos aqui apresentados permitem-nos ponderar a sustentabilidade desta teoria. A questão é que, por detrás desta biografia aparentemente inocente, são abordados temas bem caros à História e à própria cultura romanas, como a expansão do império romano ou até mesmo, condicionadas pelos espaços e paisagens que ocupam, as diferentes visões do *outro* que todos nós vamos construindo ao longo das nossas vidas.

Bibliografia

- A. Cortesão (1969), *História da Cartografia Portuguesa*, Junta de Investigações do Ultramar Coimbra.
- A. Ozanam et J. Perret (1997), *Vie d'Agricola – La Germanie*. Paris, Les Belles Lettres – Classiques en Poche.
- C. Nicolet (1988), *L'inventaire du monde. Géographie et politique aux origines de l'empire Romain*. Paris.
- Tacitus in Five Volumes (1980)*, I–I. *Agricola, Germania, Dialogus* Cambridge Mss; Loeb Classical Library.